

# TRANSCRIÇÕES

## QUINTINO DO VALLE

Wilson Choeri  
UERJ/ CP II

Poucos, muito poucos dos alunos do Externato tiveram a oportunidade de ser alunos do professor Quintino do Valle. Ele, exercendo a cátedra de Português no Internato, ali se enraizara e criara muitos discípulos. Foi também aluno do Casarão Branco, de São Cristóvão, como afetivamente chamavam o pavilhão de aulas. Ao concluir o curso de Humanidades, retornou como modesto inspetor de alunos. Todos quantos tivessem dificuldades em português, dele se socorriam para evitar possível reprovação.

Disciplinador, enérgico, pouco a pouco foi se tornando o anjo tutelar da garotada. Ao longo dos anos criou legião de amigos e discípulos. Se houvesse eleição para escolha do patrono do Internato, a disputa seria acirrada entre Quintino do Valle e Clóvis do Rego Monteiro. Ambos deixariam a marca de suas personalidade e a imagem de bondade, no coração de seus antigos alunos. No Externato, pontificavam Nascentes e Oiticica; no Internato, Quintino do Valle e Clóvis Monteiro. Enquanto este poucas aulas ministrava, pois logo passara à condição de diretor, Quintino do Valle preferia o contato diuturno com o alunado.

Sua ida temporária para a Sede, como era chamado o Externato, se deveu a motivo de saúde e convalescência de eventual enfermidade.

Ao ser promovido para a terceira série, coincidiu estar ele designado para reassumir as suas atividades docentes. Passei a tê-lo como professor. Sorte da minha turma; com ele iríamos recuperar o tempo que perdêramos na segunda série.

Tivêramos, no ano anterior, como professor Modesto de Abreu, que não nos marcou ou mesmo transmitiu conhecimentos que viéssemos, hoje, a nos lembrar. Pareceu-nos apático, desinteressado, até mesmo ausente ... Entrava em sala, não respondia nosso cumprimento de praxe, isto é, mandar-nos que sentássemos.

Não delegava ao inspetor Pederneiras a aferição da presença em sala. Não que se importasse com um ou outro “*matador de aula*”. Fazia a chamada lentamente, ao ouvir a exclamação “presente”. erguia a cabeça e identificava aparentemente o aluno. Havia dias que levava mais de dez minutos registrando, no diário de classe, a presença. Ministrava as aulas permanentemente sentado; raro, raríssimo, dignava-se ir ao quadro negro. Nós, já na condição de “bichos enfeitados” conhecíamos uma forma de classificação dos professores do Colégio em voga. Ao início de cada ano letivo, arrolavam-se os professores da série em três categorias:

- a dos que nada sabem; nada ensinam
- a dos que sabem; mas nada ensinam
- a dos que nada sabem e tudo ensinam

Logo, logo, o Modesto de Abreu foi classificado na segunda categoria: “*sabia, mas nem em dose homeopática ensinava*”.

O nosso inspetor, quando ouvia nossas críticas, colocava panos quentes:

- Ele não era assim antes do desastre que sofreu. Reparem que tem o frontal com marca de fratura. Ele já concorreu à cátedra de Português e, também, a de Filosofia. Perdeu o estímulo.

O Quintino do Valle entrava em sala já com os motores acesos. Nada de perder o tempo fazendo chamada, o inspetor que fizesse as anotações.

Na primeira aula fez-nos um apanhado do que iríamos estudar e advertiu:

- Se fizerem a terceira série boa, incorporarem as regras de concordância e regência; aprenderem verbos e seus regimes, não mais encontrarão dificuldades ao longo do curso secundário e na faculdade.

Nosso mestre, ainda não totalmente restabelecido, muitas vezes levava as mãos aos rins e deixava escapar leve gemido, mas a aula não se interrompia, só se retirava ao soar da campainha. Quando o inspetor assomava à porta com a ficha de presença, sabia que não poderia interrompê-lo para a assinatura do ponto.

Pouco a pouco, no decorrer das aulas, começamos a ter contato com os clássicos da língua portuguesa, através de citações e exemplos abonadores do que estava sendo ensinado.

Passamos a travar conhecimento com Alexandre Herculano, Padre Antônio Vieira, Frei Luís de Sousa, Camões, Feliciano de Castilho e Camilo Castelo Branco.

Foi também que pela primeira vez, numa das aulas, que passamos a ter notícia da *Réplica* e da *Tréplica*, famosa polêmica havida entre Rui Barbosa e

seu antigo mestre Carneiro Ribeiro, em torno do texto do Código Civil, elaborado por Clóvis Beviláqua.

A disciplina de Português era lecionada três vezes por semana, diferente de hoje que são cinco e até sete aulas, e nem assim o nível dos alunos deixa de ser baixíssimo e muitos irão padecer de *analfabetismo funcional*. Culpa dos alunos ou dos professores?

Sabíamos que uma das três aulas seria destinada à redação. Previamente, indicava-se o tema, quase sempre na aula que antecederia à de redação. No dia da aula de redação, Quintino do Valle não recolhia o trabalho, mas anotava com zero a lápis, na pauta, ao lado do nome daqueles que não haviam cumprido a tarefa. Aleatoriamente, chamava um para trancrever no quadro o texto que redigira. A correção tornava-se coletiva, isto é, a turma teria que participar ativamente.

– Vamos inicialmente assinalar os erros de ortografia, sublinhando-os com traço; com dois, os de concordância; e um em diagonal, para a pontuação.

Após assinalados, o quadro era erguido e se iniciava a correção coletiva, sempre os alunos propondo e Quintino sugerindo e escoimando as formas não adequadas. A última etapa consistia em eliminar repetições e criar frases novas. Didaticamente, nosso eficiente professor, alternava o tipo da redação que nos pedia.

– Quero que façam uma dissertação sobre o tema “*um pingo d’água na vidraça*” ou então o “*gotejar de uma torneira*”. Terão que dar curso à imaginação, o tema é propositalmente vago.

Em outras ocasiões, antes de propor a temática, ensinava-nos o que era narrar, descrever, reproduzir uma história. Desgraçadamente, no dia em que tivemos de dar conta da dissertação do pingo d’água ou do gotejar de uma torneira, fui o escolhido para trancrever o meu texto; logo, o meu texto seria submetido a julgamento. Sofri toda sorte de críticas e gozações. Resisti, resignada e disciplinarmente. Não houve jeito de ser aproveitada qualquer frase ou pequeno trecho do que fizera. Foi o caos total. Caí na esparrela de dizer o óbvio, que o pingo era composto de hidrogênio e oxigênio e outras baboseiras. Quintino do Valle sorrindo, antes de mandar-me retornar a meu lugar, levou a turma a gargalhada, quando me disse com ironia:

– Essa sua redação, ao longo da minha vida *já vi melhor; pior também já vi; mas igual, nunca vi*.

Fez a classe silenciar e, de forma simpática e paternal, procurou me orientar.

– Dissertar sobre o tema abstrato é muito difícil; além de imaginação é necessário amplitude de conhecimentos. Vou ficar no seu pé,

terá que me apresentar, em todas as aulas, uma redação. Estamos iniciando o mês de maio, logo terá que apresentar um total de doze redações, nunca menos de vinte linhas de texto. Nas férias de junho, a tarefa será descrever as festas juninas: Santo Antônio, São João e São Pedro, sem repetição. Terá outra tarefa: ir à Biblioteca Municipal ou Nacional – semanalmente, fazer o resumo, com base nas manchetes e títulos das notícias estampadas nos jornais. Jovem, se fizer o que lhe estou dizendo, irá escrever com desenvoltura. Escrever é treino.

Inesquecível lição. Cumpri tudo que me fora determinado, melhorei substancialmente a minha redação. Incrível, todas as redações que fiz foram por ele devolvidas, corrigidas e acompanhadas de pequeno comentário.

Na época que cursávamos a terceira série ainda havia o regime de quatro provas parciais e um exame oral. Em pelo menos duas das provas, lembro-me dos temas das redações em forma de dissertação propostas: “*As flores*”; “*Ser livre é ser feliz*”.

Nas aulas de redação, tivemos a chance de aprender a diferença entre um bilhete e uma carta; a redigir requerimento ou petições, telegramas. Enfim, vimos toda a gama de textos rotulados de redação oficial. Algumas recomendações ainda me soam fortemente, já passados mais de sessenta anos:

– Os pronomes de tratamento, ou de referência como exemplo, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria* e outros, devem levar o verbo e pronomes átonos para a terceira pessoa, jamais para a segunda pessoa.

Ao fazer as ponderações indicadas, nos ensinou:

O tratamento *Vossa Mercê*, usado no passado, deu origem ao pronome *você*. Pela lei do menor esforço, passou a se dizer *vosmecê*; a seguir, *vancê*; hoje *você*. Este tratamento é mais coloquial, passou a ser tratamento indicativo de intimidade entre as pessoas ou também do superior para o inferior. O seu uso, aqui no Rio de Janeiro, é muito difundido; já os gaúchos preferem o *tu* ao *você*. Na conversa aqui o carioca já usa *você* e leva o verbo para a terceira pessoa do singular.

Ao fim de que pudéssemos melhor entender as aulas sobre verbos e seus regimes, explicou-nos as formas verbais rizotônicas e arrizotônicas.

– As formas verbais chamadas rizotônicas são aquelas em que o acento tônico recai no radical, na raiz do verbo; a palavra decomposta já diz tudo: riso = raiz; exemplos: – *coube*, *canto*. As formas arrizotônicas são aqueles cujo acento recai na terminação ou, precisamente, na desinência: – *andou*, *falou*.

Obsessivo e didaticamente perfeito tornou-se quando começou a nos ensinar a sintaxe de concordância e de regência. Em suas explicações gostava de colocar, no quadro, antes de iniciar a aula, um quadro sinóptico do que iria explicar.

– Anotem nos cadernos e memorizem o que entendemos por *silepse*:  
– a concordância das palavras é levada mais pela lógica do que pelos princípios requeridos pela gramática; a concordância com a *forma* deixa, cede lugar à *idéia*. Em síntese: – é a figura pela qual a concordância dos vocábulos se faz segundo o sentido, não segundo as regras estabelecidas pela sintaxe. O quadro sinóptico que coloquei indica as formas de silepse: – de gênero, de número, de pessoa. Vejamos os exemplos: de gênero – Vossa Alteza é magnânimo; de número – um *grupo* de camponeses *partiram* para luta; de número – Eu fui a Paris e eles (foram) a Roma. Há ainda além dessas formas uma de uso muito raro, a gênero – número.

No objetivo de fixar a aprendizagem exigi a um grupo de alunos que designara, que fizessem frases de cada forma ensinada. Ao perceber que havíamos fixado o que ensinara, nos disse:

– Vou, agora, repetir as formas de silepse, utilizando como exemplos trechos retirados dos clássicos da língua. Alexandre Herculano nos fornece um exemplo de silepse de número: “Misericórdia! Bradou toda aquela *multidão* ao passar por el-rei: e *caíram* de bruços sobre as lajes do pavimento”. Observem que *multidão* está no singular e o verbo foi escrito *caíram*, isto é, no plural, não concorda com *multidão*. Registrem, em seus cadernos, o exemplo de silepse de pessoa em Manuel Bernardes: – “Todos os filhos de Adão padecemos nossas mutilações e fealdades”.

Inundou-nos. Quintino do Valle não se cansava de nos advertir:

– A língua é um ser vivo em constante transformação. Há diferença entre língua falada e a língua escrita. A falada não é tão policiada quanto a escrita. Esta tem princípios quase rígidos, mas que evoluem. Muitas palavras e expressões perdem sua atualização, transformam-se em arcaísmos; outras são criadas em virtude do avanço da ciência, dos costumes locais e até mesmo por necessidades literários e se denominam *neologismos*.

O Pedro Velloso Wanderley sempre interessado em conhecer a língua portuguesa e, na classe, o único a já ter lido a *Réplica*, indaga do professor:

– Mestre, a língua que falamos no Brasil é um dialeto do português; os regionalismo são dialetos?

– Não há nenhum dialeto brasileiro. Aqui há a língua portuguesa, falada no Brasil. Não há língua brasileira. Nós brasileiros usamos os pronomes átonos com menos rigidez que os portugueses, abrimos as vogais quando elas fecham; usamos formas sincréticas de alguns verbos. Dizemos *agencio*, *diligencio* e eles *agenceio*, *diligenceio*. Fazemos uso do infinitivo com menos rigidez do que eles e, hoje, já começamos a abandonar regras a favor da forma mais eufônica. Não há dialeto, mas ritmos diferentes, há algumas diferenças fonéticas.

Quintino do Valle não admitia conversa ou barulho durante suas aulas. Surprender um aluno distraído, levava-o a profunda irritação. Lá um dia o inspetor Pederneiras preveniu-o que a turma iria durante quinze dias, ter aulas na sala ambiente de geografia, a de número vinte e quatro, no segundo andar, próximo do Salão Nobre. As duas primeiras aulas transcorreram sem problemas e aparentemente Quintino estava satisfeito. Na terceira aula, no auge das explicações, do alto da arquibancada, ouviu-se um ruído semelhante ao bater de pé no assoalho. O professor avaliou a ter o ruído vindo da última fila, onde estava sentado o Ruben, major, a quem em outras ocasiões já o advertia.

– Fora de sala, seu moleque.

Foi atendido logo, o Rubem não era fanático por aulas, aproveitou a oportunidade e saiu. Alguns poucos minutos pasados, repetiu-se o barulho. Apoplético, o professor expulsou o Aristeu, este, porém, tentou dizer o que estava ocorrendo. Recebeu um ultimato:

– Fora! Sem abrir o bico ou três dias de suspensão.

Resolvi interferir, fiado em que o Quintino me ouviria. Ergui o braço, sem nada dizer. Ao ver que queria lhe falar, irritado me inquiriu.

– Por que está de braço erguido? Virou fascista?

– Professor, o barulho vem do porão. Aqui debaixo tem uma cafua. Na porta e no corredor lateral.

Mal acabara de falar e ele subia os degraus do anfiteatro, ocorreu novamente forte ruído. Quintino se deu conta do que estava acontecendo. Foi até a porta da cafua, correu o ferrolho, e de lá viu surpreso, um aluno, assustado, com teias de aranha no cabelo, sair.

– O que o senhor está fazendo aí dentro desse buraco? Enlouqueceu?

– Não, professor. O Segadas Viana me trancou aqui dentro, parece que esqueceu de mim.

O Quintino, subiu a serra, e deu vazão a sua ira. Coincidentemente chegava o inspetor.

– Carlos Rufino Pederneiras, não agüento mais, não posso tolerar tanta loucura que está ocorrendo aqui no Externato. Essa foi demais, o Segadas Viana trancar um aluno no porão e ele ficar mais de hora e meia ali preso e atrapalhar a aula dada por um catedrático. Isto só está ocorrendo porque o Fernando Raja Gabaglia passa a mão na cabeça dessa malta. Irei relatar esse fato e outros mais na próxima sessão da Congregação. Viva o meu Internato e o Clóvis Monteiro, pelo menos lá, ainda, não se enlouqueceu.

Na aula seguinte ao incidente, antes de expor o assunto, chamou o Rubem, “major” e o Aristeu e pediu-lhes desculpas pela injusta expulsão. Pouco a pouco, ele foi recuperando o vigor físico e não gemia com tanta frequência. Ao abordar a parte do programa em que tratava de verbos e regências, nos alertou:

– Nós iremos selecionar alguns verbos e as suas regências, que vocês não poderão ignorar.

Voltamos a conviver com alguns clássicos.

Iniciou, recordando, como identificar se um verbo era transitivo, bitransitivo e também o intransitivo. Ensinou-nos como identificar um verbo incoativo, aqueles que indicam o começo de uma ação, deu destaque ao sufixo *ecer* ou *escer* indicativo de ação, encheu-nos de exemplos como *florescer*, *anoitecer*, *envelhecer*. Não esqueceu, também, de nos alertar que todos os verbos indicativos de fenômenos da natureza eram intransitivos. Lembro-me bem, muito bem que consumiu uma aula inteira nos ensinando as múltiplas acepções e cada uma das regências do verbo *assistir*. Interessante que no início da aula usou a técnica socrática da maeutica, partejou nossos conhecimentos.

– Seu Pedro Velloso, o que é *assistir*?

– É estar presente.

– Forme uma frase.

– Nós assistimos ao desastre havido.

– Vamos, quero outro exemplo.

– Assistir ao desfile de 7 de setembro.

– Há a acepção de *morar*, *residir*, *habitar*. O padre Antônio Vieira num dos seus sermões assim usou o verbo *assistir*: “Ainda que no céu tenha a minha corte, tanto *assisto* na terra como céu”. Quem de vocês é capaz de formar uma frase com *assistir* usado como *socorrer*, *servir*?

A Solange Vasconcellos, deixando sua timidez de lado, propõe:

- Meu pai assiste seus doentes com carinho e competência.
- Certíssimo. Quero outra.
- O professor assiste seus alunos em dificuldades esclarecendo dúvidas.

E lá fomos nós aprendendo quase todas as acepções; percebemos logo que algumas não teriam grande uso.

Quintino também pagava *banalidades* à suserania da análise lógica. Não possuía o dogmatismo e a possessividade do Oiticica nem tampouco a despreocupação do Nascentes; situava-se equidistante dos dois: – nem tanto à terra, nem tanto ao mar.

Gostava de selecionar textos extraídos dos clássicos portugueses e de quando em vez levava-nos a analisar o *Caramuru* de Santa Rita Durão. Diziamos que o autor, presunçosamente, se imaginou poder superar. Camões, imitou-o usando a mesma metrificação nos versos. O trio amoroso Diogo Alvares, Paraguaçu e Moema foi explorado por Quintino. O trecho da morte de Moema lido por ele foi encantador. Foi com ele que vi uma oração principal ser classificada como “*oração apresentativa do discurso direto*”. Não me lembro mais qual o clássico trabalhado e em qual trecho nosso professor fez emergir a tal “*oração apresentativa do discurso direto*”; lidei com ilustres professores de português e jamais ouvi alguns deles citar a referida oração.

Na época em que fui aluno do Colégio os clássicos portugueses eram comentadas as polêmicas de Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro; a de Rui Barbosa com José do Patrocínio, em que um chama ao outro de Tartufo e Aretino; o texto da *Réplica e Tréplica* eram os mananciais a que nossos mestres nos levavam a beber na fonte cristalina e sem poluição. Hoje pouquíssimos dos licenciandos em Letras conhecem os clássicos e, também, se nos aprofundamos na pesquisa, ignoram os modernos. Alguns professores de hoje com empáfia e a auto-suficiência derivada da ignorância, anatematizam os que ainda ousam citar os clássicos.

- São arcaicos, querem reviver o que não tem mais significado. Hoje o que nos interessa é a lingüística, a análise estilística e o moderno estruturalismo.

Fazem-me lembrar um fato ocorrido com Cândido Portinari, no auge de seu sucesso. Certo grupo de pseudo-intelectuais e candidatos a pintores procuraram o pintor a fim de que ele lhes ministrasse aulas. Portinari, pressionado, concordou e preparou-se para a primeira aula e que acabou sendo a última. Enxotou todos e de forma dura.

- Vão todos para a Escola de Belas Artes. Têm que aprender primeiro desenho e perspectiva.

Não há nenhum pintor moderno ou clássico que não saiba desenhar e muito. Os maiores como Picasso, Salvador Dali, Diogo de Rivera são profundos conhecedores de desenho. Até os pintores rupestres da gruta de Altamira sabiam desenhar...

Sem querer parodiar Portinari, poderíamos dizer ou aconselhar aos detratores do uso dos clássicos.

– Só se pode conhecer profundamente uma língua e lecioná-la com precisão e certeza se houver conhecimento de suas raízes e a essas só se chega através dos clássicos.

Graciliano Ramos, que entre os modernos só se tornou um clássico porque dominava a língua e não submetia seu texto ao crivo do mestre Aurélio Buarque de Holanda.

Lembro-me que Quintino do Valle em uma das suas aulas destacou o seguinte texto de Rui Barbosa, na *Oração aos Moços*.

“Mal folheiam os primeiros alfarrábios, já se sentem com força de escreverem tratados. Mocidade vaidosa não chegará à virilidade útil, onde os meninos comparecem de doutores, os doutores não passam de meninos”.

Como essas palavras se ajustam a enxurrada de doutores, lingüísticos e críticos literários que em fabricação seriada saem de nossas escolas. Se me perguntarem ter sido Quintino do Valle um grande professor, diria:

– Mais que professor foi educador, mais que educador foi forjador de caracteres e mais que forjador foi um semeador de bons professores da língua nacional.

Quintino, Nascentes, Oiticica, Clóvis Monteiro, Aurélio Buarque, que conheci, testemunhei o seu trabalho e protagonizei algumas passagens de suas vidas no Colégio, não desmereceram seus antecessores Manuel Said Ali, Carlos de Laet, Silva Ramos, Fausto Barreto, José Veríssimo e Silvio Romero. A esses mestres perdoem-me não ter sido mais um da plêiade de discípulos que nos deixaram. Faltou-me “engenho e arte”, sobraram-me a admiração e a ousadia de tentar retratá-los como ex-aluno.